



BEM-VINDO
DAS POMBEAS

HISTÓRIAS CURIOSAS DE SÃO CARLOS 2

NO TEMPO DO
CICCIOLAIO



A MOÇA QUE
DANÇOU COM O



RIVALIDADE:
VILA PRADO
X CENTRO



FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CARLOS
ESTÚDIO LUCIDI

FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CARLOS
ESTÚDIO LUCIDI

HISTÓRIAS CURIOSAS DE SÃO CARLOS 2

1ª Edição

FPMSC
São Carlos-SP
2024

Copyright dos textos 2024 Cirilo Braga, Êmerson Gáspari e Leila Maria Massarão. Todas as informações contidas nesta obra são de total responsabilidade dos autores.
Copyright da edição 2024. Reservados todos os direitos de publicação à Fundação Pró-Memória de São Carlos-SP.
É permitida a reprodução parcial desta obra, desde que citada a fonte.

FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CARLOS - FPMSC
Praça Antonio Prado, s/nº - CEP: 13560-046 - São Carlos/SP | Brasil
<https://www.promemoria.saocarlos.sp.gov.br/>

Comissão Editorial FPMSC

Leila Maria Massarão
Luíza Akemi Shimada
Rodrigo Peronti Santiago
Vanessa Martins Dias

Coordenação

Leila Massarão (DPP-FPMSC)
Filipe Lucidi (Estúdio Lucidi)

Textos

Cirilo Braga
Êmerson Gáspari
Leila Maria Massarão

Ilustrações (Estúdio Lucidi)

Aline Marciane da Silva Azevedo
Bruno Gonçalves Bueno
Danilo de Falco
Felipe Contartesi
Filipe Lucidi
Matheus Santiago

Projeto gráfico

Jefherson Da Silva Nardim

Diagramação

Estúdio Lucidi
Filipe Lucidi

H673h

Histórias curiosas de São Carlos 2 [recurso eletrônico] / organizado por Fundação Pró-Memória de São Carlos, Estúdio Lucidi. -- São Carlos : FPMSC, 2024.
80 p.: il.

Livro digital, no formato PDF
Modo de acesso: www.promemoria.saocarlos.sp.gov.br
ISBN 978-65-88107-02-7

1. Patrimônio Cultural. 2. Memória. 3. História Local.
4. São Carlos (SP). I. Autor. II. Título.

CDD – 981.61 (20ª)

AGRADECIMENTOS

"Histórias Curiosas de São Carlos" é fruto da disponibilidade de várias pessoas em compartilhar suas histórias e memórias, suas recordações e impressões do mundo em diferentes momentos de suas vidas. Agradecemos aos entrevistados: Angelim Gallo, Carlos Vieira, Diva Maziero Bragatto, Eduardo Bragatto, Eliza Gonçalves Papa, Fátima Jacques, Helena Martinez, Isabel Aparecida Escovar, Márcio Benedito Gallo, Natal Migliato. E aos colaboradores Maria Cristina Papa, Eliza Vieira, Marcos Antônio Ferra, Franciele Lima, João Paulo da Silva e Paulo Antônio Danella.



Quem conta um conto...

Machado de Assis

(Conto homônimo publicado originalmente em 1873 no *Jornal das Famílias*, Rio de Janeiro)

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	07
--------------------	----



CAPÍTULO 1

Histórias do Cotidiano	09
Rivalidade: Vila Prado x Centro	10
Diva e Eduardo Bragatto	11
Uma canção de amor	12
O poço	13
A árvore	14
Enxurrada	15
O pneu	16
Os ratos	17
A biquinha do Padre	18
Uma vila com nome de novela	19



CAPÍTULO 2

Histórias do Desconhecido	21
Finado Galdino	22
Curtume mal-assombrado	23
Fantasma no bonde	24
Lobisomem da vila Monteiro	26
Ataque do invisível	27
Dona Pina	28
A bruxa no telhado	31
O passageiro da carruagem	32
Discos Voadores	33
O caso da rua Aquidaban	34
Mistérios que a vida não explica	35
Para todo o sempre, em São Carlos	36
Jornada ao desconhecido	38



CAPÍTULO 3

Personagens Curiosos	49
Maria Peru	50
Catarina Bum e Zé da Catarina	51
Zé Espanhol	52
João da Carriola	53
O fantasma do Trevo	54
Benvindo das Pombas	55
No tempo do Cicciolaio	56

CAPÍTULO EXTRA

OS ENTREVISTADOS	69
A FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA	71
O ESTÚDIO LUCIDI	72
BIOGRAFIAS	73
OS ILUSTRADORES	74

**HISTÓRIAS
CURIOSAS 2
DE SÃO CARLOS**

1ª Edição

APRESENTAÇÃO

HISTÓRIAS CURIOSAS DE SÃO CARLOS 2: Mais casos e causos da cidade de antanho

O projeto "Histórias curiosas de São Carlos" nasceu da proposta da Diretoria de Patrimônio Cultural da Pró-Memória em 2015 com o objetivo de destacar as pequenas histórias e causos contados principalmente pelos mais velhos, quando rememoram seus passados ou fazem suas rodas de conversa. Tais histórias trazem modos de viver, pensar e interpretar o cotidiano e o desconhecido de forma peculiar e que, muitas vezes, são estranhos ao que hoje compreendemos e vivemos como "normal".

Hoje o patrimônio imaterial ganhou espaço e importância na construção identitária de grupos e comunidades, na composição das histórias locais e na valorização das memórias dos diferentes agentes que compõem o tecido social. Os casos e causos relatados pelos mais velhos - ou rememorados pelos mais jovens - não apenas têm a função de integrar quem os ouve, mas marca memórias e tradições da região em que vivem. A transmissão desses conhecimentos e experiências aos ouvintes oferecem perspectivas distintas sobre a construção desse lugar em que estão todos inseridos social e espacialmente.

Lançado o projeto, a Pró-Memória fez parceria com o Estúdio Lucidi, escola de desenho que, por meio de uma iniciativa de seu proprietário Filipe Lucidi, já havia desenvolvido histórias em quadrinhos sobre as histórias que ouviu, enquanto criança, dos moradores do bairro do Monjolinho (atual vila Celina). A parceria amadureceu e ampliou o escopo das narrativas, dando origem ao primeiro volume do livro "Histórias curiosas de São Carlos" (2016). Nessa obra, misturaram-se relatos, quadrinhos e ilustrações que deram cores e formas aos causos, personagens e historietas contados pelos entrevistados de diferentes regiões da cidade.

Nesta segunda edição, mais histórias foram incluídas, enriquecendo o repertório de causos da cidade. Com a colaboração do jornalista e cronista Cirilo Braga e do escritor Êmerson Gáspari, mais tipos populares, mais fantasmas e até mesmo discos voadores serão apresentados. Da mesma forma, o Estúdio Lucidi recompôs algumas das apresentações da primeira edição e trazem novas técnicas de desenhos e artistas para colaborar com a expansão desta obra.

A São Carlos presente nessa obra é bem menor do que aquela a que estamos acostumados. Até os anos 1970, boa parte da cidade ainda vivia um clima rural e a iluminação era praticamente restrita ao centro da cidade. Mais escura e menos urbanizada, a cidade produzia outras ações e interpretações do mundo. As crenças, tradições e conhecimentos eram menos plurais e pouco acessíveis para a grande maioria da população, o que motivava explicações fantásticas e a criação de seres míticos. Essa outra paisagem estimulava diferentes formas de conviver, trabalhar, brincar e amar.

Mas esta obra acrescentou um fenômeno que se caracteriza por ser mais "moderno", mas que compõem os causos da cidade: o avistamento de discos voadores. O número de eventos dessa natureza vem crescendo desde o final da segunda guerra mundial e mesmo com a ampliação de acesso a informações científicas, OVNI's ainda povoam a mente e os céus dos observadores. Salientar fenômenos naturais, tecnologia espacial, lixo espacial, meteoros/meteoritos ou testes de armas e equipamentos secretos por parte de forças armadas em disputa não são suficientes para arrefecer a crença em discos voadores e visitas alienígenas. No caso de São Carlos, a imprensa divulga, com ou sem explicações técnicas, desde os anos 1960 avistamentos na cidade, com testemunhos e percursos das "naves". Um exemplo de "causo moderno".

Certamente este trabalho trará lembranças aos leitores e a rememoração de tantas outras histórias, não apenas de São Carlos, mas de todas as cidades que ainda guardam e ouvem seus idosos e dos nem tão idosos assim. Para a Fundação Pró-Memória, esta publicação, com uma nova linguagem propiciada pelo talento dos artistas do Estúdio Lucidi, compartilha traços da história da cidade, da mentalidade social e do cotidiano de São Carlos para públicos de outros lugares e reafirma a preocupação da instituição em ser um canal de divulgação do patrimônio cultural local em todas as suas formas.

LEILA MARIA MASSARÃO - Historiadora FPMSC
MARIA ISABEL ALVES LIMA - Diretora presidente FPMSC
Outubro | 2024

CONFIDENCIAL

CAPÍTULO 1

Histórias do Cotidiano



Em meados da década de 1950, São Carlos vivia uma rotina bem diferente dos dias atuais. Nas ruas víamos uma cidade se desenvolver em contraste com hábitos e crenças que se modificavam mais lentamente. Nos dias de hoje, os relatos daquela época fazem parte do tecido da memória local.

Preservado
Data 16.11.1975

RIVALIDADE: VILA PRADO X CENTRO

Baseado na entrevista de Eliza Gonçalves Papa, Diva Masiero Bragatto e Eduardo Bragatto

Entre os jovens a diversão era um famoso encontro que acontecia aos finais de semana. Conhecido como footing (traduzido livremente do inglês "ir a pé"), essa reunião da mocidade ocorria nas praças Coronel Salles e São Benedito, promovendo o contato entre pessoas de toda a cidade. As moças, bem-arrumadas, caminhavam pelas praças para observar e serem observadas pelos rapazes que lá estavam ou que vinham andando no sentido contrário. Vários relacionamentos nasceram a partir dessa tradição e, junto a esses encontros, a cidade também vivia uma tensão envolvendo alguns bairros.

Dividindo a cidade em dois lados, a porteira da Companhia Paulista existente na rua General Osório era uma das únicas entradas para a Vila Prado. Naquele tempo um grupo de moradores da Vila se reunia no local e controlava o acesso das pessoas ao

bairro. Esse hábito fez com que a Vila Prado fosse popularmente chamada de Vila dos Índios, pela convivência pouco amistosa de alguns dos seus moradores com o restante da população. Era comum ver alguma confusão naquele ponto, particularmente quando ocorriam encontros românticos entre moradores de bairros distintos.



DIVA E EDUARDO BRAGATTO

Baseado na entrevista de Diva Maziero Bragatto e Eduardo Bragatto

Contrariando toda a tensão existente na rivalidade entre bairros, muitos casais se formavam nos encontros casuais pela cidade ou no footing aos finais de semana. Dona Diva e Seu Eduardo Bragatto são um exemplo desses casos. Ela moradora da Vila Prado e ele, da Vila Nery, iniciaram o relacionamento em um desses encontros. Seu Eduardo, que foi combatente da Segunda Guerra Mundial, assim que retornou da Itália, conheceu Dona Diva no footing. Para o casal apaixonado a tão falada rivalidade não atrapalhou em nada os oito anos de namoro antes do tão esperado casamento.



DE FALCO

UMA CANÇÃO DE AMOR

Música criada por Angelim Gallo para sua esposa, Aparecida.

Periquito, marreco, papagaio, segura a morena senão eu caio
(2x)

Morena minha morena, não ponha seu pé na areia
Que eu tenho dinheiro em penca pra comprar sapato e meia
Periquito, marreco, papagaio, segura a morena senão eu caio
(2x)

Não cortem a bananeira porque o cacho não está de vez
Eu te amo com firmeza e não largo de uma vez
Periquito, marreco, papagaio, segura a morena senão eu caio
(2x)

Composição: Angelim Gallo



O POÇO

Histórias de infância

"Não tinha água, antigamente não tinha água. Não é que nem hoje que tem, né? Então meu pai mandou fazer o poço. O poço tinha vinte e cinco metros. Meu pai que fez o poço, e... precisava pôr tijolo embaixo, em volta assim, ó. E ele fazia o que? Ele pegava meu irmão... meu irmão tinha uns oito anos, nove anos. Ele punha meu irmão dentro do balde e descia meu irmão lá embaixo... Meu irmão punha, aí com outra corda ele punha o balde com tijolo... E eu lá em cima com medo do meu irmão morrer, chorando..."

Helena Martinez, 76 anos



A ÁRVORE

Histórias de infância

"Era uma pé de árvore grandão. Subi lá em cima e escorregou meu pé... fiquei pendurada pela orelha... Aí tive que operar, uma orelha escuto mais e a outra menos"

Fátima Jacques, 51 anos

"Tinha uns doze anos. [Tinha um pé de jatobá] grande, grande... Eu fazia balanço de corda que atravessava a rua inteirinha... Ah, eu via os paraquedistas, aí eu peguei um guarda-chuva e fui lá, no galho mais alto do jatobá, eu fui lá. Um, dois, três e... o guarda-chuva regaçou e eu 'bum' no chão. Fiquei largadão no chão lá..."

Carlos Vieira, 66 anos





ENXURRADA

Histórias de infância



"A gente surfava em dia de chuva. Surfava mesmo. Na enxurrada, pegava uma tábua de madeira do meu tio Nicola e descia pela enxurrada, ia parar lá no Bicão onde fazia uma cachoeira. A gente descia, ia embora. Não tinha noção do perigo... Pra nós era a coisa mais gostosa do mundo. A gente ficava lá na prancha de madeira... descendo com uma lona na cabeça pra não se molhar, mas tava cheinho de barro. Com a lona na cabeça e meu pai chegou, nossa..."

Maria Cristina Papa, 57 anos



ARI

B.B.S. 513 01

O PNEU

Histórias de infância

"Eu também jogava. Eu era menina e jogava. Ficava no meio da molecada jogando... e aqueles pneuzão de caminhão... Era descidão... Eu entrava dentro, eles davam uma virada e eu ia. Mas só que quando tava chegando lá perto do rio eu pulava, eu pulava de medo de cair dentro do rio com pneu, com tudo... E depois pra vir trazendo aquele pneu até lá em cima..."

Elza Vieira, s.d.

(1)

(11)



OS RATOS

Histórias de infância

"Eu gostava mais, naquele tempo a gente pegava bicho, porque tinha muito mato. Pegava vaga-lume... eu caçava sapinho... Caçar cobra. É verdade, viu?! Não é que não tinha medo, não sabia... Não tinha noção do perigo..."

Eliza Gonçalves Papa, 80 anos

(D. Eliza relatou ainda, em off, que, quando criança, brincava de "boneca" com filhotinhos de ratos, colocando roupinhas neles. Segundo sua fala, ela não via perigo e lamenta que deve ter "judiado" dos bichos)



A BIQUINHA DO PADRE

Por Cirilo Braga

O primeiro pároco da cidade foi também a pessoa que no final do século XIX descobriu a primeira fonte de água cristalina em São Carlos do Pinhal, na área onde hoje está o Teatro Municipal, na rua José Bonifácio, entre as ruas Sete de Setembro e Marechal Deodoro.

O padre Joaquim Botelho da Fonseca, vindo de Portugal a convite de Jesuíno de Arruda, valeu-se do fato de ser vizinho da fonte e canalizou a água através de uma bica fazendo-a chegar até sua casa.

Padre Joaquim guardou segredo da descoberta, mas por pouco tempo. Assim que a descobriu, o povo da cidade fazia todas as manhãs uma romaria até o local. Muita gente aparecia por lá logo de madrugada para tomar choques de água fria, muito recomendados na época. Como os banhos eram ao ar livre, os banhistas buscavam se antecipar às lavadeiras e aos curiosos. Outros compareciam para coletar a água, à qual atribuíam poderes milagrosos.

Em pouco tempo, a Prefeitura instalou quatro chafarizes e colocou a água da Biquinha à disposição de toda a população. O religioso que a descobriu era muito estimado por todos e foi homenageado com a atribuição do nome de seu santo protetor a uma rua da cidade, a rua São Joaquim.

A área da Biquinha foi modificada com o tempo e dela só restou a recordação de uma frase repetida pelo povo de São Carlos por muitos anos, que dizia: "Quem bebe a água da Biquinha não pode mais viver fora de São Carlos". Hoje adaptada para: "Quem bebe a água de São Carlos sempre volta".



UMA VILA COM NOME DE NOVELA

Por Cirilo Braga

No ano de 1968, quando era construído na cidade o primeiro conjunto de casas populares, o povo de São Carlos resolveu inovar ao sugerir ao novo bairro o nome da cidade fictícia na qual era ambientada a principal telenovela em exibição na época.

Redenção era o nome da cidade da mais longa novela já exibida na TV brasileira, com quase 700 capítulos, e esse foi o nome apontado para o conjunto de 104 casas construído pelo governo estadual em São Carlos.

Pelo inusitado da proposta, o assunto teve grande repercussão. Em anúncio publicado nos maiores jornais do país, a TV Excelsior e o elenco da novela reconheceram a homenagem da cidade e a imprensa local apoiou a iniciativa popular. Um anúncio publicado nas páginas dos grandes jornais do país exibiu a foto dos artistas da novela aplaudindo "o povo de São Carlos".

Não adiantava mais dar outro nome ao residencial localizado na região da Boa Vista senão o de Redenção.

Ainda naquele ano o prefeito através de decreto confirmou a denominação oficial, ratificando a inscrição de uma grande tabuleta instalada no local.

Uma escolha democrática em tempos de ditadura. Vox Populi, Vox Dei.



Received
July 1975



CONFIDENTIAL

CAPÍTULO 2

Histórias do Desconhecido



CONFIDENCIAL

A história de uma cidade está baseada não apenas em documentos e notícias de fatos passados, mas também nos relatos do imaginário de seus moradores. Histórias do Desconhecido são um compilado de contos que, nas entrelinhas, revela também o estilo de vida de uma época, das crenças regionais e de uma forte presença dos costumes religiosos.

Preservado
July 16, 1975

FINADO GALDINO

Baseado na entrevista cedida por Márcio Benedito Gallo à Fundação Pró-Memória

CASO NÃO
RESOLVIDO

Tempos atrás, na região do bairro Jockey Clube havia uma fazenda grande e muito bonita. O antigo proprietário, Seu Galdino, sempre muito cuidadoso e trabalhador, mantinha aquele pedaço de terra conforme seu gosto.

Dizem que o velho faleceu de idade muito avançada e que, depois disso, a fazenda passou a ser administrada por outras pessoas de sua família. No entanto, a morte não afastou a alma de Seu Galdino daquele lugar. Muitos relataram ter visto o finado perambulando pela fazenda. Outras pessoas também presenciaram o velho na lida, como na sua rotina de trabalho no cafezal e na ordenha das vacas. Dizia-se que era possível ouvi-lo manuseando as ferramentas da antiga oficina.

Essas aparições eram tão frequentes naquele local, que as testemunhas já não se incomodavam mais, e conviviam harmoniosamente com o espírito daquele senhor, o que parecia bem assustador para muitos.



CASO NÃO
RESOLVIDO

CURTUME MAL-ASSOMBRADO

Baseado na entrevista de Carlos Vieira e na entrevista cedida por
Angelim Gallo à Fundação Pró-Memória



Do Curtume Fazzari, situado no início da rodovia que liga São Carlos ao município de Ribeirão Preto, hoje só existe a lembrança de seus antigos funcionários e de pessoas daquela época. O local era conhecido por sua atmosfera melancólica e por acontecimentos misteriosos. Muitos relatam que durante a madrugada, mesmo com o curtume fechado, era possível ver algumas de suas luzes piscando, ouvir gemidos em seu interior, o barulho da caldeira e de pessoas trabalhando. Vigilantes e outros funcionários associavam a figura de João Grilo, um de seus funcionários, aos acontecimentos macabros. Esse pobre senhor contraiu uma forte doença e foi obrigado a abandonar seu ofício, falecendo logo em seguida. No entanto, dizem que por conta do seu apreço e da sua grande dedicação ao trabalho, sua alma continuou vagando pelo curtume. Mesmo depois de seu sepultamento, era possível ouvi-lo pelo curtume.



FANTASMAS NO BONDE

Baseado na entrevista cedida por Carlos Vieira à Fundação Pró-Memória

Certo dia, ao embarcar no último bonde, um sujeito notou algo de estranho naquela situação. No interior do carro havia vários passageiros vestidos de branco, todos em silêncio e imóveis. Esse ambiente se manteve durante todo o percurso até chegar ao ponto final.



Quando todos desembarcaram, o tal sujeito observou que aqueles passageiros caminhavam em direção ao interior do cemitério. Assustado e sem conseguir reagir, viu que as pessoas desapareceram portão adentro.

(1)

(14)

CASO NÃO RESOLVIDO

Ilustração feita por Nathalia Spitaleti

(1)

(2)

FANTASMAS NO BONDE

Adaptação em quadrinhos por Danilo de Falco



1987
Divisão
de
S. História



CAS
RES

DE FALCO

1985

LOBISOMEM DA VILA MONTEIRO

Baseado na entrevista cedida por Isabel Escovar à Fundação Pró-Memória

CASO NÃO
RESOLVIDO

Pelos lados da Vila Monteiro, em meados dos anos de 1960, alguns moradores notaram a presença uma figura muito assustadora. Era um lobisOMEM.

Numa das casas daquela região da cidade, no cair da noite, aquela presença enlouqueceu os cachorros da vizinhança. Com a curiosidade motivada por todo aquele alvoroço, algumas pessoas avistaram uma criatura acuada debaixo de uma das janelas. Logo suspeitaram da presença do lobisOMEM, pelos rumores que vinham sendo notícia entre os moradores. De imediato, pensaram em acabar com a criatura, porém se sentiram compelidos após refletirem sobre a sina que girava em torno daquela figura.

Reza a lenda que o sétimo filho da família se transformaria em lobisOMEM se não fosse batizado pelo irmão mais velho. Na época, se lembraram que sua maldição seria herdada pelo assassino, caso esse o matasse durante sua transformação e, por isso, desistiram de vez de acabar com ele.

Decidiram, então, que o melhor a fazer era se afastar daquela criatura e permitir que ela cumprisse o seu destino de cruzar sete porteiras de sete fazendas em noite de lua cheia.

Desse evento restaram apenas os pelos do homem-animal, presos na cerca durante a sua fuga.



CASO NÃO
RESOLVIDO

ATAQUE DO INVISÍVEL

Baseado na entrevista de Márcio Benedito Gallo



Certa vez, na conhecida Fazenda do Urso, onde hoje está localizado o complexo Dahma, três sujeitos se encontraram para uma pescaria. Como era de costume, estavam acompanhados por alguns cachorros que faziam a guarda e auxiliavam no caminho. O local escolhido para a pescaria possuía uma quantidade bem grande de árvores e uma vegetação bem densa, dificultando o acesso.

Já era noite quando os sujeitos ouviram os latidos dos cães em algum lugar muito próximo. Como a pescaria estava boa, apenas um deles resolveu verificar o que estava acontecendo, enquanto os outros continuavam a tirar os peixes da água. Por conhecer bem o local, ele pegou um atalho para chegar até a matilha alvoroçada.

Passado algum tempo os latidos silenciaram. Aqueles que continuavam pescando sentiram a falta do amigo e resolveram sair a sua procura. Sem sucesso, nada encontraram. Foi apenas no outro dia que conseguiram avistar o desaparecido.

Todo machucado e ainda com uma aparência que não escondia seu medo, ele conseguiu explicar o que havia acontecido, mesmo com muita dificuldade na fala. Relatou que no momento em que chegou perto dos cachorros, sentiu que algo com muita força o pegou pelas costas, arremessando-o dentro de um buraco que ficava próximo. A partir desse momento só sentiu as pancadas que levava, sem conseguir ver quem lhe causava aquele mal.

Mais de quarenta anos se passaram e o acontecimento continua sendo um mistério para aqueles que ouviram seu relato.



DONA PINA

Baseado na entrevista de Carlos Vieira e na entrevista cedida por Fátima Jacques à Fundação Pró-Memória

Moradora do antigo bairro do Monjolinho, atual Vila Celina, Dona Pina, como era conhecida, viveu a maior parte da velhice sozinha em sua moradia. De poucos amigos, aquela senhora mantinha o estranho hábito de colocar estrume ao longo da cerca do seu quintal, para manter a vizinhança bem longe das frutas de seu quintal.

As crianças do bairro morriam de medo da velha, por conta do seu olhar severo e pelas histórias que ouviam a seu respeito. Certa vez num dia chuvoso, Dona Pina, como lhe era de costume, saiu para recolher os abacates de seu quintal antes que a molecada da vizinhança os apanhassem. Em razão da tempestade, alguns galhos do abacateiro haviam se soltado e romperam os cabos da rede elétrica, que acabaram por ficar soltos em seu quintal. Sem se preocupar com isso, Dona Pina, se apressou a apanhar alguns abacates do chão, quando, por falta de atenção, acabou encostando em um dos cabos elétricos caídos. A descarga elétrica foi tão grande que Dona Pina não resistiu e veio a falecer.

Depois desse trágico acontecimento, muitos vizinhos de Dona Pina relataram que era possível escutar a velha perambulando ainda na sua antiga morada. Também testemunharam os antigos hábitos da senhora, como os barulhos da velha batendo bife na mesa de sua antiga casa e de sua tosse durante a madrugada. Não há dúvidas de que o espírito de Dona Pina continuou vagando por aquelas paragens.



EM UMA NOITE MUITO CHUVOSA...



DONA PINA PERCEBEU QUE TINHAM
MUITOS ABACATES CAÍDOS NO CHÃO...



ELA ERA TÃO RUIM QUE SAIU NA
CHUVA PARA APANHÁ-LOS!



AQUELA MULECADA
MARDITA NÃO VAI PEGÁ OS
ABACATE AMANHÃ DE MANHÃ!



MAS ELA NÃO PERCEBEU QUE
TINHA UM FIO ELÉTRICO CAÍDO NO
MEIO DAS FOLHAS...





2000
14/11/95

A BRUXA NO TELHADO

Baseado na entrevista de Isabel Escovar



Durante o período de amamentação de uma criança em seus primeiros meses de vida, mães e familiares viviam um verdadeiro drama. Caso a mãe ouvisse um assobio de coruja, era recomendado que todas as portas e janelas da casa fossem fechadas imediatamente, sem deixar brecha. A coruja era uma das formas que uma bruxa assumia com a finalidade de roubar a vida dos recém-nascidos. Pousando no telhado da casa, o bicho se aproveitava de um descuido dos moradores e, com a sua língua extremamente comprida, sugava toda a energia do bebê, tirando-lhe a vida.

CASO NÃO
RESOLVIDO



B.G.S. 913 01

O PASSAGEIRO DA CARRUAGEM

Baseado na entrevista de Denise Cristina dos Santos à Fundação Pró-Memória

O museu de São Carlos, localizado no prédio da Estação Ferroviária, abriga centenas de objetos históricos, que são expostos periodicamente dependendo do tema proposto pela exposição. Os objetos são guardados em salas especiais, recebendo todos os cuidados necessários para que sejam conservados.

Essas peças de grande valor, muito por conta da história que carregam, também possuem uma atmosfera misteriosa em seu entorno. Muitos acreditam que os sentimentos e o esmero dos antigos donos acabam por envolver o objeto e provocar acontecimentos estranhos.

Relatos de antigos funcionários do Museu de São Carlos só fazem confirmar essas histórias. Muitos foram testemunhas de situações inusitadas, como portas que abriam ou fechavam sozinhas, sem que nenhuma força tivesse sido aplicada; cada vez que os objetos iam ser limpos, manifestações incorpóreas de insatisfação se faziam ouvir; mas o caso mais assustador de todos dizia respeito à presença de um fantasma na antiga carruagem. A carruagem presente no Museu é uma réplica daquela utilizada por Dom Pedro II em sua visita à São Carlos, no ano de 1886, e faz parte do acervo do museu desde sua inauguração, sendo um dos itens de maior interesse dos visitantes.

Pessoas que trabalhavam no local narravam a aparição frequente de uma figura próxima ao veículo, um homem alto, magro e calvo, com aspecto indefinido. Curiosamente essa assombração era vista se dirigindo à carruagem no momento em que o Museu estava encerrando as atividades do dia. O mistério ainda não foi desvendado e a identidade do sinistro passageiro é desconhecida, porém, a carruagem continua exposta para receber a visita dos mais corajosos.



DISCOS VOADORES

Por Cirilo Braga



Os discos voadores, ou objetos voadores não identificados (OVNI), chamavam a atenção da população de São Carlos especialmente entre as décadas de 1960 e 1980, quando não raro a população tinha notícias de avistamentos que contavam até com a cobertura dos jornais da cidade.

Em 1965, um disco voador sobrevoou o centro da cidade e desapareceu de repente. Nos anos seguintes, os relatos apontavam para aparições na estrada para Ribeirão Preto.

Após a "conquista da Lua", muita gente passou a ver mais do que estrelas no céu, como em 1971, quando um estranho objeto de intensa luz sobrevoou a cidade num começo de tarde. Mas daquela vez era só um balão de pesquisa meteorológica lançado em Bauru, como esclareceu a imprensa.

Os relatos de OVNI em São Carlos eram frequentes e foram noticiados com destaque. Em 1977 eram luzes coloridas que no começo da noite piscavam de modo intermitente e mudavam de direção, emitidas por um objeto que se deslocava com incrível rapidez. Os possíveis extraterrestres naquela vez tiveram o requinte de reaparecer por três vezes consecutivas no horário da novela de TV de maior audiência. Em 1983, eram fachos de luz projetados sobre árvores urbanas.

Luzes que não se explicavam, observadas na região do Cemitério Municipal, sempre no fim da tarde ou início da noite, tiveram inúmeros relatos, mais recentemente explicados pelo reflexo do sol em satélites orbitando a Terra.

A cada novo caso, as referências com histórias do século passado fazem ressurgir debates sobre a veracidade ou não das aparições, estimulando o imaginário que as relacionam a naves e seres extraterrestres.

Fatos de grande repercussão como o avistamento até hoje não explicado na noite internacional dos OVNI em 1986, confirmado por autoridade aérea brasileira, e o caso do ET de Varginha, ajudam a atizar a curiosidade das pessoas.

Vale destacar o mais recente avistamento relatado pela população de São Carlos no início do mês de maio de 2024, quando novamente luzes estranhas no céu chamaram a atenção dos observadores...



CASO
RESOLV

O CASO DA RUA AQUIDABAN

Por Cirilo Braga

PRO

Um policial militar com 15 anos de serviço narrou o inusitado fato ocorrido numa tarde em 1988, na rua Aquidaban, no centro da cidade, onde uma família assustada acionou a Polícia ao ouvir barulho do arrastar de móveis na casa vizinha, que estava desabitada.

A mulher, o marido e os filhos choravam quando os policiais ali chegaram para fazer a averiguação de mais um caso de furto como os que não raro ocorrem nas antigas residências no centro da cidade.

O soldado que narrou a ocorrência de pronto se habilitou a pular o muro que dividia as duas casas, mas ao ter uma péssima sensação, decidiu retornar. Não estava se sentindo bem.

Outros membros da equipe, um tenente e um sargento, com armas, estranharam o mal-estar do colega e, com arma em punho, decidiram saltar o muro que parcialmente desabou. Àquela altura, muitos curiosos se aglomeravam na rua.

Com cautela, os policiais alcançaram a residência e ao olhar por uma das frestas que dava acesso ao interior da casa, constataram que nada havia ali.

Foi quando um morador do quarteirão se aproximou e esclareceu. A casa estava vazia porque nela morava uma mulher que morrera uma semana antes.

Diante da informação, os vizinhos ficaram em pânico, não esperaram por novos detalhes e no mesmo dia decidiram mudar-se dali.

O policial que narrou o fato alguns anos depois, garantiu que sempre sente um arrepio ao passar em frente àquela casa. Ele nunca esquece a sensação que teve naquela tarde.

(1)

(11)



NÃO
LVIDO

2000
14/11/95

MISTÉRIOS QUE A VIDA NÃO EXPLICA

Por Emerson Gáspari



Em 1909, meu bisavô materno, Fortunato, seguia com o filho de cinco anos, na zona rural de São Carlos, sendo surpreendido por uma Urutu-Cruzeiro. "A Urutu me picou", conseguiu dizer, antes de desabar, colocando sangue pela boca e nariz. Desesperado, meu avô correu pelo mangue cheio de "taboas" (que lhe feriam os pés), buscando ajuda.

Três dias se passaram e ele permanecia muito febril, padecendo de dores atrozes, internado na Santa Casa, para onde fora levado, de carroça. A família se lembrou da previsão de uma vidente, em 1872, a qual havia lido na mão dele (então com 14 anos, acamado e ainda na Itália) que seu destino já estava traçado:

"Ele viveria muito, atravessaria oceanos, conheceria novas terras e só morreria, idoso, sob uma carroça sem cavalos".

De fato, o tempo passou e meu bisavô se restabeleceu, apesar da ferida na perna que levou meses para cicatrizar. Bonachão e bem-humorado, apreciava contar essa e outras histórias, como a do pai, que, mesmo ancião e proibido pelo médico, insistia em tomar vinho, levando a garrafa para a cama, deixando-a no chão e dando goladas durante a noite, quando acordava com o rigoroso frio italiano. Um dia, aos 108 anos, por estar no escuro e não possuir mais paladar, acabou se confundindo, trocou as garrafas e ingeriu querosene, com o qual alimentava as lamparinas. Teve uma diarreia violentíssima, mas se recuperou e ainda viveu por mais um ano, de acordo com o relato do filho, que contava essas histórias, sempre rindo.

Durante décadas, mesmo após se mudar do campo para a cidade, meu bisavô brincava quando via uma carroça:

"Essa não tem perigo, pois tem cavalos".

Acabaria por falecer em 1931, aos 73 anos, atropelado por um automóvel (um Fordinho 29), nas ruas de São Carlos.

De fato, há certos mistérios no mundo que a vida não explica. Essa vida, ao menos!



DE FALCO

**CASO NÃO
RESOLVIDO**

Iracema Pepino nasceu em São Carlos, no dia 19/03/38, na casa dos pais, na rua D. Pedro II. Nela cresceu e só saiu aos 25 anos, casada, indo residir em Jundiaí, em 1963. Cinco anos após, eu (esse escritor barato que lhes descreve a história), nasci. Porém, minha mãe teve tétano de cesariana (algo fatal, na época), necessitando ser internada às pressas, no HC da capital.

Ao chegar, apenas sua cabeça e calcanhares tocavam a cama, de tão envergado que estava o corpo, enrijecido pela doença. Colocada em coma induzido, permaneceu por dias desenganada, até sofrer três paradas cardiorrespiratórias quase em sequência, vindo a falecer. Os aparelhos foram desligados e retirados da sala de cirurgia. O cirurgião-chefe pediu que providenciassem o atestado de óbito e avisassem meu pai, em Jundiaí. Foi quando um estagiário, que assistira a tudo, pediu ao doutor, se poderia abrir uma traqueostomia e instalar um pulmão artificial, pois queria fazer uma experiência, para uma tese de pós-doutorado. O médico respondeu que ele poderia fazer o que bem entendesse, pois dali o corpo seguiria para a autópsia.

O que ambos não sabiam é que, enquanto isso, minha mãe - talvez em outra dimensão, sabe-se lá - acompanhava num corredor escuro, um homem que seguia à sua frente e, pelos cabelos e manto, parecia ser Jesus Cristo. Até que o longo corredor terminou numa porta, aberta pelo homem, o qual desapareceu ao penetrar no recinto, de onde emanava claridade. Minha mãe adentrou à sala, encontrando uma vizinha de sua mãe e sua tia, ambas são-carlenses falecidas.

Num canto, duas velas queimavam: uma com mais de um metro de altura e outra, com cerca de dois centímetros. Então se aproximou, dizendo que viera pra ficar. Mas a tia a interpelou:

- Não, "Ceminha"! Você vai voltar... vê a vela maior? É a sua: quem logo nos fará companhia é "aquele" lá. E apontou para a vela menor (40 dias depois, seu enteado faleceria, aos 49 anos).

Foi então que Dona Amália, antiga vizinha de minha avó, sentada numa cadeira, mostrou seus pés muito inchados, os quais, ao serem apertados, minavam água por entre os dedos, dizendo:

- Vê isso? São as lágrimas da minha filha, Olinda. Peça para que ela não chore mais escondida todos os dias, pois estou bem, só que o choro dela está me prejudicando (mais tarde, quando recebeu o bilhete rabiscado por minha mãe no hospital, Olinda - que realmente fazia isso - ficou tão impressionada, que imediatamente interrompeu esse costume).

Então, do nada, o cenário mudou. Minha mãe agora podia ver seu próprio corpo, rodeado por médicos, inerte na mesa de cirurgia. Sentia-se flutuando no teto e afinal conseguiu ver o rosto de Cristo, com a coroa de espinhos, como que a lhe pedir algo. Teve a ideia de prometer que adotaria uma criança, caso sobrevivesse para criar a sua.

Imediatamente sentiu um estrebuchado e começou a sofrer as dores dos procedimentos. Ouviu, inclusive, um médico que dizia: "essa sonda não passa pelo nariz...ela tem desvio de septo".

Ela havia, de certo modo, acabado de ressuscitar naquele 25/04/1968, dez dias após eu nascer. Quando meu pai chegou ao hospital, o cirurgião-chefe descreveu o ocorrido e recomendou que "seria melhor chamar os parentes de São Carlos, pois ela provavelmente duraria poucas horas".

Minha mãe foi transferida então, para uma das alas do hospital e, entre idas e vindas, passou dois anos internada. Parte desse período, em "vida vegetativa", ouvindo, mas sem poder emitir um sinal de que estava consciente. Ligada a aparelhos, era monitorada 24 horas por dia.

Nessa fase, ocorreria de tudo: certa ocasião, levou uma bofetada no rosto, de uma enfermeira furiosa com um movimento involuntário de sua mão, que a atingira no braço.

Noutra, uma enfermeira plantonista a abandonou para tomar um café no refeitório, de madrugada. Assim que minha mãe ouviu seus passos se dissiparem no corredor, sentiu o aparelho de respiração começar a desatarraxar da garganta. Sem poder falar, se mexer ou prender a respiração, mentalmente rezou, pediu perdão de seus pecados, entregou sua alma a Deus e ouviu o aparelho se soltar, num som igual ao espocar de uma garrafa de champanhe. Sentiu seu corpo se debatendo, que estava evacuando e morrendo, até que ouviu, antes de apagar completamente, o grito desesperado da enfermeira que (enfim!) retornara:

Pelo amor de Deus! Chama o doutor, que ela tá roxa!!!

PARA TODO O SEMPRE, EM SÃO CARLOS

Por Emerson Gáspari



Silêncio sepulcral. Vazio. Escuridão. Até a incrível sensação de mais uma vez voltar a si, ouvindo o médico dizer: "ela está voltando; a pressão dela agora está boa... está quatro por dois..."

Mais de mil injeções (isso, só nas veias), dores atrozes, cirurgias, ameaças de desligarem os aparelhos, trombose, pneumonia... seu caso apareceu nas TVs Tupi e Excelsior e fez parte de um livro médico levado a um congresso internacional, no Chile.

Até que, em 01/04/1970, afinal ela recebeu alta definitiva, tornando-se o primeiro caso de salvação no Brasil, e o segundo no mundo, de tétano de cesariana. Estava muda, usando cânula, cheia de enxertos, cicatrizes, limitações e sequelas.

Um ano depois, no qual passou por quatorze cirurgias na laringe, enfim, voltou a falar. Foi um espanto para os médicos, que diziam terem visto milagre em muitos pacientes, todavia, jamais dois milagres num único paciente. O primeiro: ter saído viva; o segundo: ter voltado a falar.

Assim, ela pôde cumprir em dobro sua promessa, adotando um casal de recém-nascidos, numa época em que isso era, de certa forma, reprovado pela sociedade. Foi discriminada e rotulada. Lutou bravamente por décadas, enfrentou dois relacionamentos decepcionantes, criou seus filhos, mudou-se para Ribeirão Preto, procurou não esmorecer e trabalhou no limite de sua combatida saúde, até o dia em que "travou", já aos 74 anos de idade.

Por mais cinco anos, viveu em seu velho apartamento, no centro daquela cidade. Até que um câncer de mama à levou, aos quase 80 anos de vida e luta.

Horas antes dela partir (já sedada e imóvel, porém, ainda ouvindo), num leito da Beneficência Portuguesa, sussurrei em seu ouvido "da honra que tive em ser seu filho" e prometi que "levaria seus ensinamentos e história adiante", pedindo para que ela "deixasse de temer pelo purgatório (no qual ela, católica, sempre acreditou), pois todo seu sofrimento certamente havia lhe purificado a alma, que agora, subiria leve e direto para os céus".

Na manhã de 05/12/2017, minha mãe tombou a cabeça de lado e partiu para sempre.

Porém, quando as enfermeiras empurraram seu corpo na maca pela mesma rampa esburacada e barulhenta na qual levavam os corpos para o necrotério do hospital, notou-se que não houve barulho: é como se seu corpo estivesse leve, até porque, não demandou esforço maior. E o mais incrível: uma semana depois, a experiente funcionária do crematório me liga, informando que a "urna" estava pronta, mas se desculpando pelo "pouco peso" das cinzas, coisa que nem ela, nem os funcionários da cremação sabiam explicar, já que as cinzas estavam integralmente ali. O volume estava normal, já o peso...

Nesse momento, tive certeza de que as últimas palavras que dissera à minha mãe haviam se cumprido: sua alma subiria leve, direto aos céus.

Quanto às cinzas, encontram-se depositadas em São Carlos, como mamãe tanto fez questão de pedir. Jamais poderia permitir que esse seu último desejo fosse negado.

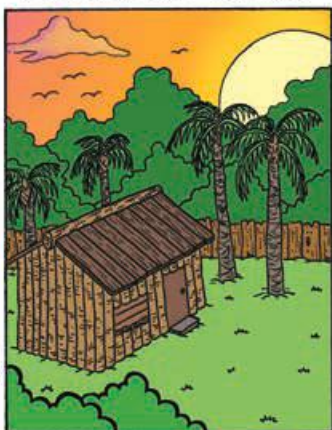
A mulher que recebera o diagnóstico médico de poucas horas de vida, mas conquistara uma prorrogação de meio século nesse prazo, pôde enfim descansar na mesma terra em que nasceu, cresceu e viveu. Para todo o sempre, em sua São Carlos querida.



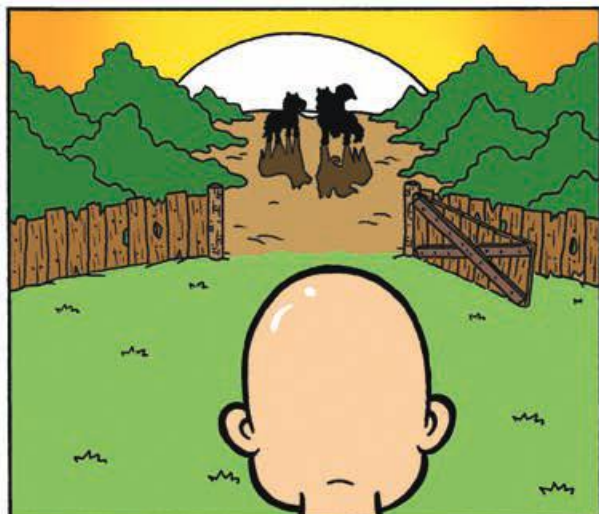
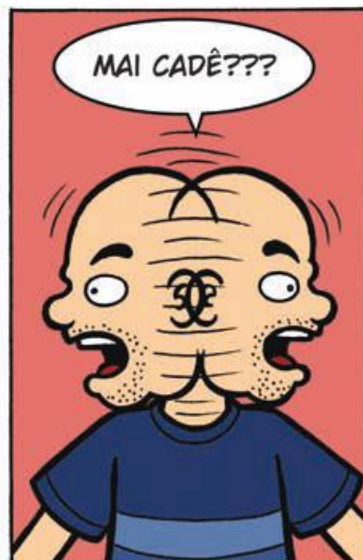
DEFAKO

JORNADA AO DESCONHECIDO

POR FILIPE LUCIDI



Lucidi!



Lucidi!













22/01/2010
14/09/2010



LIM E MARCINHO CONTINUARAM SUA BUSCA...

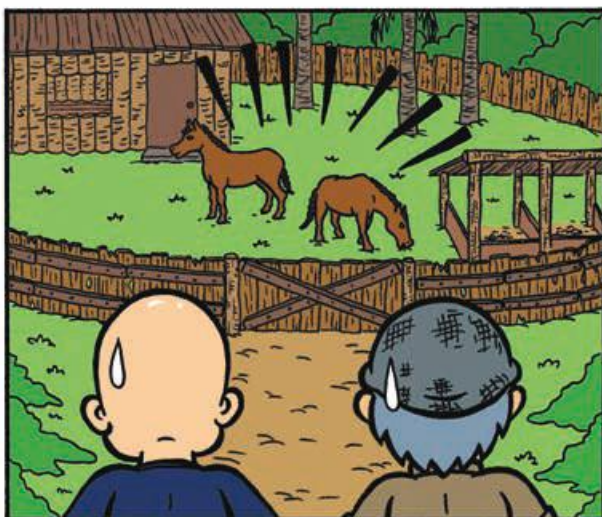


ENCONTRARAM OUTRAS ASSOMBRAÇÕES E CRIATURAS...



E NADA DO SACI!





Received
July 16, 1975



CONFIDENTIAL

CAPÍTULO 3

Personagens Curiosos



Estranhos, loucos, desiludidos, excêntricos... muitos personagens marcaram as memórias, principalmente, das cidades menores, vagando ou tomando acento em seus pontos centrais. Algumas dessas figuras têm suas histórias conhecidas, outras se perderam nas brumas do tempo, porém todas são recordadas por diferentes gerações com medo ou graça, e compõem o repertório das memórias locais.

Revised
July 16, 1975

MARIA PERU

Figura popular, Maria Peru sempre era vista na Avenida São Carlos. Permanentemente usando um lenço na cabeça, também chamava a atenção por trajar várias saias de uma só vez. Com uma armação que mais parecia um guarda-sol de praia, era alvo das crianças que tentavam olhar por debaixo de sua saia.

Esse jeito peculiar de se vestir também lhe rendeu outros nomes, como Sete Saia e Saia de Balão.



Handwritten notes:
mex
dividido
- foi por
Schmidt

Baseado na entrevista de Carlos Vieira e nas entrevistas cedidas por Helena Martinez, Eliza Gonçalves Papa e Natal Migliato à Fundação Pró-Memória. Informações complementares retiradas do livro "Resgate", de Maria Christina Girão Pirolla

BG

CATARINA BUM E ZÉ DA CATARINA

Baseado na entrevista de Carlos Vieira e nas entrevistas cedidas por Helena Martinez, Eliza Gonçalves Papa e Natal Migliato à Fundação Pró-Memória.

Informações complementares retiradas do livro "Resgate", de Maria Christina Girão Pirolla



Muito conhecida na cidade, a figura de Catarina Bum continua presente na memória dos moradores de São Carlos. Com um jeito muito característico e sua forma peculiar de se vestir, Catarina chamava a atenção por onde passava. Usando saia longa e sempre com um guarda-chuva nas mãos, era alvo de insultos da molecada que dizia "Catarina Bum, cai na água e faz tibum". Magra e com o cabelo todo arrepiado, Catarina sempre era vista com o seu companheiro, o Zé.

A dupla, depois de viver junta por muito tempo, certo dia resolveu casar.

Foi então que o misterioso Zé passou a ser conhecido como o Zé da Catarina. Ele, alto e curvado, andava acompanhado por sua viola. O casal também cantava pela cidade para conseguir umas moedas. Por muitos anos foram vistos pelas ruas da cidade já bem idosos.



ZÉ ESPANHOL

Antigo morador do município de São Carlos, José Maldonado, ou melhor, Zé Espanhol como ficou carinhosamente conhecido, desperta ainda hoje a admiração daqueles que o mantêm na memória. Sempre em sua barulhenta moto, Zé Espanhol era respeitado por onde passava. Por vários anos foi funcionário da tradicional Fazenda Pinhal, também trabalhou na Santa Casa e no famoso Bar do Maneco, local de muito prestígio daquela época.

Foi nesse lugar que protagonizou uma situação bastante inusitada, num dia de trabalho, quando notou dois clientes que estavam no bar saírem sem pagar a conta. Zé, mais do que depressa, vestiu seu paletó em que mantinha um revólver guardado, e saiu pelas ruas procurando os malandros. Quando os encontrou, fez com que voltassem ao bar para acertar a dívida. Fatos dessa natureza tornaram Zé Espanhol uma figura ainda mais curiosa.



Baseado na entrevista de Angelim Callo, Carlos Vieira e Helena Martinez. Informações complementares retiradas do livro "Aspectos do Folclore São-Carlense", de Lígia Temple Garcia Gatti

JOÃO DA CARRIOLA

Baseado na entrevista de Helena Martinez

Popularmente conhecido como João da Carriola, esse personagem de São Carlos ficou conhecido por andar na região do antigo Mercado Municipal. Constantemente de capacete e óculos escuros, ele despertava a atenção dos populares com sua carriola equipada com retrovisores que vivia empurrando pela cidade. Muitos se divertiam com a presença de João, que mantinha o hábito de fazer sinais com as mãos, indicando seu caminho.



O FANTASMA DO TREVO

Baseado na entrevista de Carlos Vieira e Eliza Gonçalves Papa

Há algum tempo atrás, durante a construção do trevo que interliga São Carlos com a rodovia de Ribeirão Preto uma figura misteriosa surgiu.

Todos os dias, por volta da meia-noite um sujeito todo vestido de branco aparecia em cima do viaduto e gritava: "O Fantasma do Trevo", assustando os moradores da região e quem mais passasse por ali. Enquanto durava a manifestação do indivíduo também era possível escutar os uivos da matilha que o acompanhava, tornando a situação ainda mais assustadora.

Certa vez presenciaram o tal "fantasma" brincando com uma carriola, que tinha sido esquecida pelos operários que trabalhavam na construção do viaduto.

Esses acontecimentos também despertavam a curiosidade dos vizinhos mais próximos e, com o passar do tempo, alguns mais corajosos se aproximaram e descobriram quem era o verdadeiro Fantasma do Trevo. Seu nome era Paulino, um sujeito que em outras épocas desfrutava de boa reputação, mas que, por conta de uma grande desilusão na vida, acabou se entregando ao acaso, perambulando nas ruas.

Depois de um tempo ninguém mais ouviu falar do homem, que desapareceu da cidade, mas continua habitando as lembranças dos antigos moradores daquela região.



Quando trabalhava como engraxate na arborizada Praça Coronel Salles nos anos 1950, o anão Benvindo, de 1,28m, impressionava-se com a presença de pombas que circulavam pelo local. Certo dia, no meio da Praça, ele emitiu um assobio que atraiu as aves até ele em revoada. Gesto que se repetiu outras vezes quando as alimentou, chamando a atenção dos motoristas de táxi que trabalhavam nas imediações.

Os motoristas se uniram a um jornalista que habitualmente passava pela Praça, para criar o "Clube dos Pombos" e ajudar Benvindo a alimentar as aves e promover o espetáculo da "Revoada das Pombas", uma atração na cidade, em especial aos domingos.

Benvindo tornou-se rapidamente um tipo popular e ganhou lugar cativo nos corações dos são-carlenses, muito atencioso com as crianças que dele se aproximavam para alimentar as aves na própria mão. Algumas delas chegavam a pousar na cabeça de Benvindo e outras até apanhavam o milho em sua própria boca.

Não demorou e a Comissão Municipal de Turismo transformou a revoada das pombas numa atração turística, explorando aquela cena peculiar e a figura simpática de Benvindo, que se tornou servidor municipal.

Benvindo Raphael Girro (1942-2016), seu nome de batismo, era um tipo alegre, prestativo e espontâneo, que durante décadas ganhou fama, comparecendo inclusive em programas de televisão em rede nacional.

Criador de um peculiar "cartão-postal" de São Carlos que perdurou por muitos anos, ele se aposentou ao mesmo tempo em que as pombas bateram asas da praça. Ficou na memória de muitos como a lembrança de um tempo feliz.



NO TEMPO DO CICCIOLOAIO

Por Cirilo Braga

PRO

Os são-carlenses conheciam apenas pelo nome Cicciolaio um dos primeiros tipos populares que vivia pelas ruas da cidade. Estava frequentemente no matadouro com as mãos sujas de sangue, conforme relato de antigos cronistas locais.

Sujo e encardido, caminhava descalço e não se incomodava em ser alvo das brincadeiras de garotos que dele se aproximavam.

Cicciolaio era um homem alto e forte, mas de pouca conversa. Só dava ouvidos ao padre José Teixeira da Silva (1883-1919), pároco da igreja matriz em São Carlos de 1915 a 1919. O Padre Teixeira conversava longamente com ele quase que diariamente sob a figueira da praça, onde nos momentos de lucidez, Cicciolaio, que era calígrafista e desenhista, escrevia e fazia desenhos no chão.

Algumas pessoas se aproximavam para acompanhar sua conversa com o padre, a quem respeitava mesmo sendo agnóstico, tinha-o como amigo e ouvia seus conselhos.

As crianças que estudavam no Grupo Escolar Coronel Paulino Carlos, ao sair das aulas passavam por ele e pediam-lhe para desenhar figurinhas. Cicciolaio era rápido em atendê-las.

Personagem de uma cidade então habitada por muitos imigrantes italianos, ele se tornou personagem simbólico de uma época e, ao sair de cena, permaneceu na memória do povo. Ao longo do século XX, as pessoas em São Carlos usavam a expressão "no tempo do Cicciolaio" para se referir a algo muito antigo, ou de um período em que a cidade era um lugar pacato.



(1)
(2)
1987
Cicciolaio
1987
S. H. H. H.

2000
14, 1995

ULTRASECRETO

Capítulo Extra



*Arquivos e relatos do caso mais
misterioso da história de São Carlos:*

A Moça que dançou com o

CONFIDENCIAL

ARQUIVO SECRETO | CAPÍTULO EXTRA

A MOÇA QUE DANÇOU COM O DIABO

Por Cirilo Braga

De um leitor que assina Osvaldo R. Vieira recebi via correio a letra de uma música lançada em 1953 pela dupla sertaneja Vieira e Vieirinha - provavelmente seus parentes - e inspirada na lenda (letra da música completa na página 67).

Caiu numa Sexta-Feira Santa o aniversário de uma moça rica, que dizia não acreditar em Deus. Ignorando a data, insistiu que teria uma festa nesse dia. Sua mãe negava, dizia que era pecado e se benzia a cada blasfêmia da filha, que desafiava: naquela noite dançaria "nem que fosse com o diabo". Tanto que teimou que o baile aconteceu e ela dançou sem parar. À meia-noite apareceu um sujeito boa-pinta e pé de valsa, que rodopiou com ela pelo salão e se declarou seu fã. A moça se apaixonou imediatamente. Ficou encantada com o tipo e mais ainda pela inveja que despertou em suas amigas. Mas, lá pelas tantas da noite, o moçoilo soltou uma gargalhada que ecoou pelo salão e seus pés já não eram humanos, mas de bode; um cheiro de enxofre tomou conta do recinto. Num estrondo a figura do diabo apareceu no lugar do rapaz e logo desapareceu em meio à fumaça.

A moça ficou louca - como aliás menciona a música - e dizem que faleceu algum tempo depois, ainda jovem, sendo sepultada no cemitério Nossa Senhora do Carmo.

Para que o relato atravessasse as décadas seguintes, muitos garantiam que o baile de fato aconteceu no ano de 1943 numa casa da rua Major José Inácio. Um enorme casarão que passou a ser apontado como "a casa da moça que dançou com o diabo", até ser demolido, não sem o estigma de alguma maldição: um andarilho que ali se abrigava foi assassinado e nada do que no casarão se instalasse, prosperava. Mortes nas proximidades, como a de um piloto de avião e sua namorada, também ajudavam a propagar o mito. Assim como a pequena capela que por muito tempo existiu no cemitério, em cujo interior se dizia haver além do nome e foto da moça uma mala com o vestido que usara no célebre baile e a imagem de um anjo empunhando uma lança com a qual espetava a cabeça de um dragão.

Oswaldo Vieira conta que a imagem teria sido doada a uma instituição da cidade e a capelinha demolida depois de incendiada pelo acúmulo de velas depositadas por pessoas que, decerto, ajudavam a perpetuar a história. Para completar, dizia-se que os pertences da moça foram doados a um museu de Araraquara, o que obviamente nunca se comprovou. Outras cidades recontariam a lenda a seu modo, mas nenhuma como São Carlos, onde - reza a música sertaneja - viveu "a moça rica filha do major Simão".

CONFIDENCIAL

CASO NÃO
RESOLVIDO

SEXTA-FEIRA SANTA. 1943.









RETRATOS DA LENDA

Arte por Felipe Contartesi



RETRATOS DA LENDA

Arte por Matheus Santiago



B.B.S. FINE ART

RETRATOS DA LENDA

Arte por Danilo de Falco



assinado
14/11/95

A MOÇA QUE DANÇOU COM O DIABO

Música interpretada por Vieira e Vieirinha



Numa sexta-feira santa
Há muitos anos atrás
Na cidade de São Carlos
Publicaram nos jornais
Uma moça muito rica
Contrariou o gosto dos pais
Num baile que fez em casa
Ela dançou com o satanás

Quando o baile começou
Regulava as nove horas
Chegou um moço bem vestido
Arrastando um par de esporas
Dando viva para o povo
Como vai minha senhora!
Quero conhecer a festeira
Porque estou chegando agora



O velho disse pra filha
Hoje o baile esta mudado
Estamos no fim da quaresma
E isso pode ser pecado
A mocinha respondeu
O senhor que está cismado
Jesus Cristo está no céu
E nós aqui dança largado

Pegando na mão da moça o moço saiu dançando
Tocava valsa e mazurca
O cabra tava virando
Com o chapéu na cabeça
A moça foi incomodando
O senhor dança direito
Que mamãe não está gostando

Ele foi e disse pra moça, minha hora já chegou
Eu preciso ir embora que o galo já cantou
Tirou o chapéu da cabeça e os
Dois chifres ele mostrou
Parecia um touro velho
Daqueles mais pegador



O diabo soltou um bufo e sumiu numa explosão
Pra aquela gente sem fé isso serviu de lição
No meio da correria, dos grito e confusão
Ficou louca a moça rica
Filha do major simão



Composição: Teddy Vieira / Jaime Ramos
Lançamento: 1953

1208

ULTRASECRETO

1000 2000
1000 2000
1000 2000
(TT)

[REDACTED]

1000 2000
1000 2000
1000 2000
1000 2000

OS ENTREVISTADOS

Angelim Gallo é casado, tem 74 anos e é natural de São Carlos. Trabalhou durante 30 anos no antigo curtume Fazzari. Atualmente é aposentado e morador da Vila Celina.

Carlos Vieira, 66 anos, aposentado, foi funcionário do antigo curtume Fazzari. É casado com Elza Viera e moram na Vila Celina, antigo bairro do Monjolinho, desde crianças.

Denise Cristina dos Santos, tem 42 anos e é natural de Santa Fé do Sul, mas está em São Carlos desde a infância. É funcionária pública municipal, tendo trabalhado por muitos anos no Museu de São Carlos.

Diva Maziero Bragatto, casada, nasceu no ano de 1928 em São Carlos. Importante costureira da Vila Prado nas décadas de 1940 a 1960.

Eduardo Bragatto, 93 anos, casado, morou durante a infância e a juventude no bairro da Vila Nery. Foi um dos combatentes brasileiros na Itália durante a 2ª Guerra Mundial.

Eliza Gonçalves Papa, 82 anos, é natural de Colina, São Paulo. Aposentada, mora na Vila Prado desde de 1946.

Fátima Jacques, solteira, nasceu em São Carlos no ano de 1974. Mora no bairro Vila Celina, antigo bairro do Monjolinho.

Helena Martinez, casada, natural de São Carlos, é filha de José Maldonado, o "Zé Espanhol" e avó de Filipe Lucidi, proprietário do Estúdio Lucidi. Nasceu no ano de 1940, se aposentou na Faber-Castell, começou a produzir e vender artesanato depois da aposentadoria e hoje mora na Vila Celina com seu cônjuge Marcos Antônio Ferra.

Isabel Aparecida Escovar, solteira, 56 anos, é moradora do Jardim Monique. Viveu grande parte da infância na Vila Nery.

Marcio Benedito Gallo, 38 anos, é natural de São Carlos e trabalha como galvanizador. Solteiro, é filho de Angelim Gallo e morador da Vila Celina desde criança.

Natal Migliato, natural de Analândia, é aposentado. Tem 78 anos e mora na região da Grande Vila Prado.

A FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CARLOS

A Fundação Pró-Memória de São Carlos foi criada através da Lei nº 10.655, de 12 de julho de 1993, com a finalidade de preservar e difundir o patrimônio histórico e cultural do Município de São Carlos. Para realizar este trabalho, a instituição trabalha nas seguintes frentes:

- **Arquivo e Documentação:** promove a organização, tratamento técnico e disponibilização ao público do acervo documental e iconográfico do Município, garantindo a salvaguarda, a preservação e a disseminação desse patrimônio.
- **Preservação do Patrimônio Material e Imaterial:** atua na gestão de políticas públicas relativas à preservação do patrimônio artístico e arquitetônico do Município e nos museus de São Carlos e de Pedra "Tinho Leopoldino".
- **Pesquisa e Divulgação:** desenvolve projetos e pesquisas relativos à história e à memória do Município. Em parceria com os demais setores da Pró-Memória, produz exposições, publicações, oficinas, palestras, entre outras atividades e produtos empreendidos pela instituição e que visam à divulgação do patrimônio histórico e cultural local.

A Instituição está instalada no edifício da estação ferroviária de São Carlos, inaugurada em 1884 pela Companhia Rio Claro de Estrada de Ferro. Essa Companhia estendeu o caminho do café interior adentro, sendo elemento determinante para o desenvolvimento econômico, social, político e cultural da região.

No início do século XX, já sob administração da Cia. Paulista, a Estação foi reformada e modificada, sendo reinaugurada em 1908. É um dos mais importantes patrimônios preservados no Município e é considerado patrimônio da população do Estado de São Paulo, estando em processo de tombamento pelo CONDEPHAAT.



O ESTÚDIO LUCIDI

O Estúdio Lucidi foi fundado em 2011, pelo artista Filipe Lucidi, na cidade de São Carlos-SP, na rua Major Manoel Antonio de Mattos, 1231. Em seu primeiro ano, Lucidi trabalhava sozinho, apenas com ilustrações, histórias em quadrinhos e projetos gráficos particulares, mas em 2012 o estúdio passou a oferecer também cursos de desenho. Inicialmente os cursos disponíveis eram o de Cartum, Mangá, Caricaturas, Histórias em Quadrinhos e o KIDS, para crianças de 5 a 10 anos. Em seis meses o número de alunos cresceu muito, novos profissionais se juntaram ao estúdio para ministrarem aulas e novos cursos foram inclusos, como o de Super-Heróis e Desenho Clássico.

Ainda em 2012 o Estúdio Lucidi ajudou a organizar o **Anime Sanca Fest**, o maior evento de cultura geek da cidade na época. Depois disso muitos outros eventos foram organizados ou tiveram a participação do estúdio, entre eles o **São Carlos Matsuri**, o **Arena RPG**, o **Anime Friends**, a **Brasil Comic Con**, o **Circuito Anime Fest**, o **Ultimate Geek Con** e o **Brave Souls**. Os profissionais do estúdio também foram chamados para dar palestras ou ministrar oficinas em diversas escolas, faculdades e instituições, entre elas a USP, a UFSCar, o SESC e o Senac. Em 2014 o Estúdio Lucidi abriu uma segunda unidade em Descalvado-SP. A empreitada durou apenas 6 meses, mas serviu para que o artista Danilo de Falco, que morava na cidade e era professor nessa unidade, se juntasse ao time do estúdio em São Carlos. Danilo implementou o curso de Pintura em Tela na grade regular e é professor até hoje.

Em 2015 o Estúdio Lucidi entrou de cabeça na era digital, trazendo uma sala moderna com diversos computadores e mesas digitalizadoras, oferecendo o curso de Desenho Digital. Essa sala também abrigou cursos sazonais de Modelagem 3D e Desenvolvimento de Games.

Em 2018 uma segunda unidade da escola de desenho foi inaugurada em São Carlos, na rua Larga, 1140, Vila Prado, gerenciada pelo artista Felipe Contartesi do início até os dias atuais. Já em 2021, em parceria com uma escola de robótica, o Estúdio Lucidi passou a oferecer aulas de desenho também em Araraquara, atualmente ministradas pelo artista Bruno Gonçalves.

Além de aulas de desenho, o Estúdio Lucidi sempre trabalhou com diversos projetos artísticos de publicações, como histórias em quadrinhos, livros ilustrados, livros para colorir, apostilas educacionais, entre outros. Ao longo dos anos, diversos alunos foram auxiliados a desenvolver e até lançar suas publicações independentes. Entre as principais obras que o estúdio participou estão o livro **Histórias do Tempo do Vovó**, ilustrado por Filipe Lucidi, o livro **PokéBall Z**, criado e ilustrado por Betinho, com história em quadrinhos de Filipe Lucidi, a HQ **Whitewing**, escrita e desenhada por Alex Veronez, o livro **Nhó Totico Ilustrado**, com desenhos de Filipe Lucidi e cores de Danilo de Falco e, claro, o livro **Histórias Curiosas de São Carlos**, com participação dos profissionais do estúdio em praticamente toda a obra.

Agora, em 2024, os profissionais do Estúdio Lucidi se envolveram no projeto **Histórias Curiosas de São Carlos 2**, reinterpretando todas as histórias do primeiro volume com novas ilustrações e dando vida aos contos inéditos. Alguns alunos também tiveram a oportunidade de colaborar com alguns desenhos.

Este livro conta com mais de 13 anos de experiência do estúdio que é escola de desenho, que organiza e participa de eventos, que ilustra e cria publicações e que tem o prazer de fazer parte da CULTURA de São Carlos, o Estúdio Lucidi!



BIOGRAFIAS

O jornalista **Cirilo Braga**, 61 anos, é natural de Boa Esperança do Sul/SP. Assessor de imprensa e memorialista radicado em São Carlos/SP em 1972, tem formação em direito e migrou para o jornalismo, tendo atuado em jornais, revistas e emissoras de rádio locais a partir dos anos 1980. Autor do livro "Coluna do Adu", lançado em 2016, trabalha como assessor de imprensa e redator da Câmara Municipal e, como cronista, enfoca seus textos no cotidiano da cidade, com ênfase na memória urbana, sendo temática frequente em suas colaborações em jornais, sites noticiosos e nas redes sociais são-carlenses.



A historiadora **Leila Maria Massarão**, 51 anos, nasceu em Campinas/SP. É bacharel e licenciada em História pela UNICAMP (1998) e mestra em História pela mesma universidade (2002). Atualmente é historiadora concursada da Fundação Pró-Memória de São Carlos onde exerceu, de 2006 a 2008, a função de Vice-Presidente e, a partir de 2009, foi designada Chefe da Divisão de Pesquisa. Tem experiência na área de História, com ênfase em História Cultural, atuando principalmente nos seguintes temas: história do Brasil, renovação carismática católica, igreja católica, historiografia, história e educação patrimonial e história de São Carlos.



O escritor **Emerson Gáspari**, 56 anos, nasceu em Jundiá/SP, vivendo seus primeiros anos em São Carlos/SP. Começou a escrever aos 15 anos, quando se mudou para Ribeirão Preto. Autor de oito livros - Coleção "Poetas da bola" (volumes 1 a 5), "Reflexões de Um Saudosista", "Um filho chamado Grêmio São-Carlense", e "Meus melhores textos no Museu da Pelada" -, possui inúmeros textos publicados em diversos jornais e revistas. Recebeu homenagens nas Câmaras municipais de São Carlos e Ribeirão por seu trabalho.



OS ILUSTRADORES



Filipe Lucidi é natural de Araraquara-SP, mas residiu em São Carlos-SP até os 30 anos. Desde pequeno desenhava muito e, aos 13 anos, criou uma história em quadrinhos humorística chamada *O Povo do Monjolinho*, inspirada no bairro em que viveu na infância e adolescência, que atualmente se chama Vila Celina, onde os personagens eram seus amigos e vizinhos.

Depois de estudar muito a arte do desenho de maneira autodidata e fazer um curso rápido particular aos 18 anos, funda em 22 de janeiro de 2011 o Estúdio Lucidi, com a ajuda de sua família, em uma sala que sua mãe, Maritsa, utilizava para vender móveis antigos restaurados. Inicialmente Lucidi trabalhava nessa sala apenas com suas histórias em quadrinhos e desenvolvendo

projetos particulares, mas em 2012, com a ajuda de sua avó Helena, que reforma a sala e o restante da casa que era antiga, começa também a dar aulas de desenho no local.

Ao longo dos anos o Estúdio Lucidi cresceu muito e, além de oferecer cada vez mais cursos diversos, também organizou e participou de inúmeros eventos culturais, desenvolveu mascotes e logotipos para empresas, desenvolveu vinhetas animadas para a TV, e produziu publicações, de maneira independente, para projetos particulares ou para editoras, incluindo histórias em quadrinhos, tirinhas para jornais, livros ilustrados e apostilas, tudo com participação direta de Lucidi.

Um dos projetos que Lucidi mais gostou de participar em sua carreira foi o livro *Histórias Curiosas de São Carlos*, em 2016. Nele, além de participar das entrevistas com moradores antigos da cidade, ilustrar histórias e diagramar, também pôde colher depoimentos de moradores do seu antigo bairro e de seus avós, e adicionar duas de suas antigas histórias em quadrinhos da série *O Povo do Monjolinho*, a história da Dona Pina e a *Jornada ao Desconhecido*. Agora, em 2024, o livro ganha um segundo volume, com a felicidade de manter todas as antigas histórias, acrescentando novas histórias excepcionais.

Hoje Lucidi mora em São Paulo com sua esposa Dayane, trabalha como ilustrador e tatuador, se dedicando também ao projeto *Ilustra Palestra*, onde une suas paixões pelo desenho e pelo Palmeiras em ilustrações que homenageiam e retratam o momento atual do time, mas continua administrando o Estúdio Lucidi à distância e visitando São Carlos mês a mês.

Dentre todos os projetos de sua carreira até aqui, o que Lucidi mais se orgulha é de ter dado oportunidades a inúmeros artistas e alunos - o Estúdio Lucidi teve mais de 2 mil alunos até 2024 - e ter mantido viva a cultura local por meio de livros, eventos e palestras!

OS ILUSTRADORES

Felipe Contartesi desde muito cedo teve interesse nas áreas de ilustração e criação de personagens.

Buscando uma formação acadêmica para atuar na área de criação, se formou em Design Gráfico pela Unesp Bauru, cursou Publicidade e Design Digital e concluiu o mestrando no curso de Imagem e Som da UFSCar de São Carlos-SP.

Trabalhou por muitos anos como designer em agências de publicidade em Bauru e Ribeirão Preto e também como ilustrador na área da educação, cultura e jogos, desenvolvendo apostilas, livros e outros.

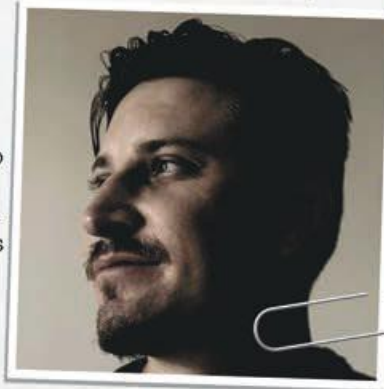
Atualmente é professor e diretor de uma das unidades da escola de desenho Estúdio Lucidi, em São Carlos, e atua como ilustrador freelancer em produções de jogos e livros.



Danilo de Falco, nascido no ano de 1987, é natural de Descalvado-SP. No ano de 2013 formou-se em Pedagogia e no curso desenvolveu sua pesquisa sobre Arte e Educação. Seu projeto de iniciação científica, intitulado "Pedagogia Davinciana: confluências, divergências e influências entre Arte e Educação", teve como base estudos dos pintores Renascentistas e Barrocos com ênfase em Leonardo Da Vinci. A partir de então buscou suas primeiras experiências artísticas, iniciando seu processo através do desenho.

Aluno no Ateliê Cozinha da Pintura, em São Paulo, segue estudando pintura a óleo e poética para a criação de seus trabalhos. Participou de diversas exposições individuais e coletivas no interior de São Paulo, foi colaborador na criação do livro *Nhó Totico Ilustrado* fomentado pelo Museu Público de Descalvado. Também participou de Projetos Artísticos fomentados pelo Estado e realizou oficinas em projetos sociais.

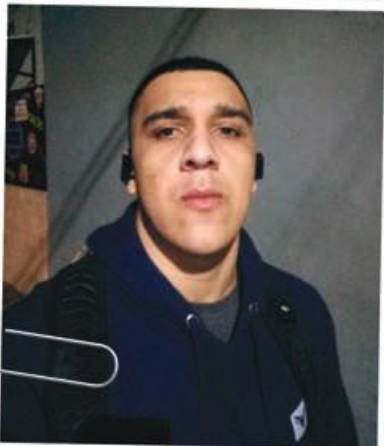
Também atua como arte educador desde 2013 e é professor do Estúdio Lucidi desde 2014.



Olá a todos! Meu nome é **Bruno Gonçalves**, professor do Estúdio Lucidi desde 2022. Sou formado em Design Digital pela Uniara e fiz uma pós-graduação em educação na Uninter. Desde criança gostava de desenhar e principalmente pintar, mas foi no ensino médio que comecei a encarar a arte como profissão, fazendo encomendas e frequentando eventos de cultura pop para expor e comercializar as ilustrações. Atualmente também trabalho para o Studio Letra fazendo ilustrações e logotipos para cervejarias artesanais ao redor do Brasil. Participei como diretor de arte de 2 jogos para as prefeituras de Maricá-RJ e Petrópolis-RJ. Dito isso tudo, é um prazer poder estar contribuindo com o livro *Histórias curiosas de São Carlos 2!*



OS ILUSTRADORES



Matheus Santiago começou a se interessar por fazer arte ainda no começo da adolescência, muito inspirado por artistas envolvidos em produção de jogos, principalmente da indústria japonesa. Foi aluno do Estúdio Lucidi durante boa parte desse período.

Retornou aos estudos de arte aos 19 anos, e através de conteúdos na internet, conseguiu aprender e desenvolver muito do que aplica no seu trabalho hoje em dia.

Suas criações já fizeram parte de algumas produções de animação, publicidade, jogos de tabuleiro e livros.

Atualmente atua como professor no Estúdio Lucidi e em paralelo realiza trabalhos como freelancer de concept art e ilustração.



Aliny, natural de Ourinhos, no interior de São Paulo, tem se dedicado ao aprimoramento de suas habilidades artísticas por meio de diversos cursos, incluindo Fundamentos do Desenho e Pintura de Mangá com Lápis de Cor e Aquarela. Foi também aluna de Mangá do Estúdio Lucidi. Neste momento, está focada em estudos de pintura digital.

Participar do projeto **Histórias Curiosas de São Carlos 2** como ilustradora foi um desafio significativo, mas também uma excelente oportunidade para desenvolver suas competências artísticas.

Atualmente, é professora da turma KIDS do Estúdio Lucidi, onde valoriza cada instante ao lado de seus alunos, acreditando que o ato de ensinar é uma das maneiras mais autênticas de aprender. Através da interação com eles, continua a crescer e se aprimorar como artista.

ALGUNS ALUNOS DO ESTÚDIO LUCIDI TAMBÉM DESENVOLVERAM ILUSTRAÇÕES PARA ESTE LIVRO, COMO NAS HISTÓRIAS **A ÁRVORE, ENXURRADA, OS RATOS, CURTUME MAL-ASSOMBRADO, DISCOS VOADORES E JOÃO DA CARRIOLA.**

Mariana Vieira dos Santos, 17 anos, natural de São Carlos-SP.

Entrou no curso KIDS do Estúdio Lucidi quando tinha 7 anos, em 2014, e ainda é aluna atualmente.

Davi Marra Ribeiro, 19 anos de idade, natural de Dourados-MS.

Cursou Desenho Tradicional e Digital no Estúdio Lucidi.



Ilustração feita pelo aluno do Estúdio Lucidi Pedro Degani
Galdino da Silva, para a história FANTASMAS NO BONDE



Homenagem do livro **Histórias Curiosas de São Carlos 2** a dois gênios da televisão brasileira, Golias, comediante nascido em São Carlos-SP, e o Rei da TV, Silvio Santos.

José Ronald Golias

★ 1929

† 2005

Senor Abravanel

★ 1930

† 2024



Ilustração feita por Filipe Lucidi, retratando o programa **Em Nome do Amor**, exibido no dia 08/12/1996 pelo SBT, onde Silvio Santos conta a história de vida de Ronald Golias, mostrando, inclusive, imagens de São Carlos-SP

**HISTÓRIAS
CURIOSAS 2
DE SÃO CARLOS**

1ª Edição

ISBN: 978-65-88107-02-7

CD



9 786588 107027



JORNADA AO
DESCONHECIDO

LOBISOMEM DA
VILA MONTEIRO



O FANTASMA
DO TREVO



ATAQUE DO
INVISÍVEL



E MUITAS OUTRAS
HISTÓRIAS!

REALIZAÇÃO:

